

• SUS EM PAUTA •

BS Debate aponta soluções aos desafios da saúde na região

Evento vai trazer os assuntos mais pertinentes para a Baixada Santista a cada nova edição

ISABELA MARANGONI

isabela.marangoni@jornaldaorla.com.br

A ausência de um leito regional formalmente instituído foi apontada como um dos maiores entraves à organização do sistema de saúde na Baixada Santista. Este foi apenas um dos assuntos discutidos na tarde desta segunda-feira (23), na 1ª edição do BS Debate, iniciativa fruto de uma parceria entre *Jornal da Orla* e Record TV Litoral e Vale, com apoio da Associação Comercial de Santos (ACS).

O evento foi realizado na sede da ACS, com transmissão ao vivo pelo canal *Orla Play* do Youtube e reuniu especialistas e autoridades públicas para discutir os desafios do setor de saúde na região. O objetivo foi colocar em debate algumas das grandes questões da Baixada Santista.

Na abertura, o presidente da ACS, Mauro Sammarco, destacou a relevância do debate para o desenvolvimento regional. “Temos polos de atendimento que recebem pacientes de toda a Baixada. Precisamos discutir saúde, mobilidade, segurança, saneamento”.

O médico Luiz Colombo Barbosa, coordenador da Câmara Setorial de Saúde da ACS, chamou a atenção para a fragilidade da estrutura atual. “Temos apenas um hospital estadual para toda a Baixada, enquanto outras regiões contam com infraestrutura mais robusta”. Ele também defendeu o uso da tecnologia e a valorização da prevenção nos atendimentos.

DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA O SUS NA BAIXADA

Moderado pelo jornalista Alexandre Furtado, o painel reuniu o ex-secretário de Saúde de Santos Adriano Catapreta, o secretário de Saúde de Cubatão Márcio Oliveira, a secretária-adjunta de Saúde de Santos, Paula Covas e o presidente da Associação Paulista de Medicina de Santos, Antônio Leal.

O jornalista apresentou dados que evidenciam a insuficiência de leitos: em 2016, a Baixada tinha 1,57 leito por 1 mil habitantes, número in-



Especialistas comentaram os desafios e soluções na saúde regional



FOTOS FERNANDO YOKOTA

A tecnologia foi um tema importante abordado nos debates



“A ACS está aberta para que estejamos juntos, engajados em melhorar áreas fundamentais como a saúde, que é o pontapé inicial do ciclo de debates”.

Mauro Sammarco,
presidente da
Associação Comercial
de Santos (ACS)



“Sem boas condições de saúde, a população não consegue se desenvolver. O *Jornal da Orla* tem como missão debater construtivamente os desafios da região”.

Leopoldo Figueiredo,
diretor-geral da
rede BE News



“Iniciamos os debates com o intuito de ir além do regional. Nossa proposta é justamente essa: fazer um trabalho que traga resultados, principalmente na questão do SUS”.

João Batista Rodrigues,
diretor-executivo da
Record Litoral e Vale

Transformação digital já tem resultados

O segundo painel destacou a digitalização da saúde pública, com o médico e gerente-geral de Transformação Digital da Secretaria Municipal de Saúde do Recife, Gustavo Godoy, o diretor de Tecnologia da Informação na Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) Giliate Cardoso Coelho Neto, e Richard Papadimitriou, estrategista comercial da Mosten.

Godoy destacou o ‘*Conecta Recife*’, que reúne mais de 600 serviços, sendo 128 voltados à saúde, como agendamento, consultas e exames, com suporte por app e WhatsApp. “A transformação digital deixou de ser opção; é necessidade no SUS”, afirmou.

A cidade investiu em inteligência artificial e protocolos clínicos integrados. A IA também prevê faltas e permite remanejamentos – 250 mil vagas reaproveitadas e R\$ 13 milhões economizados. Recife também lidera na integração com sistemas nacionais.

Giliate Coelho falou sobre o Aplicativo de Gestão para Hospitais Universitários (AGHU) e sua IA contra erros de prescrição e Papadimitriou defendeu a cocriação como chave da adesão digital. “Quando o sistema é feito junto com quem vai usar, a resistência diminui e a adesão aumenta”. ●

A matéria completa sobre a 1ª edição do BS Debate você confere no *Jornal da Orla* impresso no fim de semana

ferior a cidades como Campinas (1,79) e a capital do Estado, São Paulo (2,31).

Catapreta ressaltou que a tabela SUS está defasada e que o valor pago por leito não cobre os custos, o que inviabiliza a ampliação da rede. Márcio Oliveira alertou para a falta de coordenação e reforçou a necessidade de investir em prevenção. Já Paula Covas lembrou que a sazonalidade aumenta a população temporária na região, agravando ainda mais o problema dos leitos. Antônio Leal, por sua vez, criticou as condições de trabalho dos profissionais da saúde: 75% enfrentam jornadas exaustivas e baixa remuneração. Ele defendeu mais planejamento, com base em diagnósticos precisos, para evitar filas e melhorar o atendimento.

LEITOS REGIONAIS: UM GARGALO CENTRAL
Na questão da ausência de um leito regional formal-

mente instituído, o tema foi apontado como um dos maiores entraves à organização do sistema de saúde em toda a Baixada Santista. Paula Covas explicou que a criação desse mecanismo depende de uma lei federal e de uma articulação conjunta entre União, Estado e municípios. “É preciso discutir e construir um novo pacto para a saúde regional no SUS”, afirmou, destacando que o instrumento permitiria coordenar melhor a oferta de vagas e aliviar a sobrecarga nos hospitais municipais.

Atualmente, Santos enfrenta um déficit de cerca de 1 mil leitos, além de dificuldades para manter UTIs pediátricas. A responsabilidade pela gestão permanece com os municípios, mesmo sendo, de acordo com os especialistas, uma atribuição que deveria ser compartilhada ou absorvida pelo Estado. Para Cata-

preta, sem o leito regional, toda a gestão de recursos e atendimento à população acaba ficando comprometida, o que afeta diretamente a qualidade do serviço.

CONCLUSÃO

O consenso entre os debatedores foi claro: a criação e regulamentação de um leito regional é fundamental para reorganizar a oferta de atendimentos na Baixada Santista. Sem essa solução persistem a sobrecarga, a desorganização e o desperdício de recursos.

Os participantes mostraram que uma proposta de uma nova pactuação federativa, que leve em conta as especificidades locais, é urgente. Investimentos estruturantes, valorização dos profissionais e planejamento regional são caminhos essenciais para garantir um sistema de saúde público mais justo, eficiente e sustentável na região. ●